

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO DE CONTOS DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

1. Introdução

O cenário atual dos estudos do significado encontra-se marcado pela multiplicidade de discursos anti-representacionistas. Dessa pluralidade de visões, segue-se, como consequência para questões concernentes à linguagem, o enfraquecimento dos limites apontados pela tradição para separar a linguagem comum da linguagem literária. É claro que, mesmo diante de tais dificuldades, a noção de que existe alguma oposição básica entre tais discursos nunca se desvaneceu por completo. No entanto, passa-se a reconhecer, na ausência de um *hors-text*, propriedades “literárias”, “fictícias” em qualquer discurso. Percebe-se, entre os territórios lingüísticos supracitados, um *crossover* de propriedades que eram antes consideradas como elementos distintivos: o denotativo e o conotativo, o literal e o figurativo, o compreendido e o interpretado, binômios estes antes tidos como demarcadores territoriais mais ou menos confiáveis. Contudo, mesmo na perda de seu lugar de exceção, o interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado de expressão sobrevive em meio a esse clima de indistinção, entre outras coisas porque a chamada crise da representação, agora característica constitutiva da linguagem como um todo, foi, durante muito tempo, tema de investimentos literários. Qualquer que seja o caso, a economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem desperta interesse e convida à investigação.

É a esse convite que esta pesquisa responde. Parte-se da hipótese de que um entendimento wittgensteiniano da “linguagem comum” oferece as ferramentas necessárias para a caracterização do jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, e busca-se examinar, à luz desse pensamento, textos selecionados de dois importantes escritores do século XX que mobilizam de forma igualmente central a questão da linguagem e do sentido em suas literaturas. Com foco na tensão acima descrita (linguagem comum x extra-ordinária), analisam-se escritos de João Guimarães Rosa e de Samuel Beckett, com a devida cautela, deve-se acrescentar, pois se percebe uma divergência substancial em seus projetos estéticos.

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consiste em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da linguagem comum; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre os projetos estéticos de ambos os autores selecionados; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado.

Como a pesquisa encontra-se ainda em fase inicial, o presente relatório descreve somente os resultados das atividades previstas para o primeiro trimestre de 2009. Optou-se por, primeiro, fazer uma leitura preliminar das primeiras 133 seções das *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, à luz de três fontes secundárias principais: o *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johan Glock; o livro *Wittgenstein's Investigations 1-133*, de Andrew Lugg; e *Wittgenstein's Ladder*, de Marjorie Perloff, autora que, de forma muito relevante para esta pesquisa, explora a filosofia de Wittgenstein para pensar a questão do sentido na literatura. Exploraram-se nessa leitura questões relativas ao segundo pensamento de Wittgenstein, com ênfase na apreensão dos aspectos mais diretamente relevantes à caracterização do que seria *linguagem comum* para o filósofo. Em um segundo momento,

realizou-se a leitura das “novelas” *Primeiro Amor*, *O Expulso*, *O Calmante* e *O Fim*, de Samuel Beckett, com vistas à seleção e análise de trechos que apresentavam interesse no jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária. Abaixo, explicitam-se os resultados parciais dessas duas etapas de pesquisa.

2. Wittgenstein e a linguagem comum

A leitura das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein é uma tarefa complexa no que tange a traçar uma linha de raciocínio sistematizada e teórica que abranja de forma harmoniosa as reflexões ali apresentadas. O próprio filósofo nos alerta de tal dificuldade no prefácio às *Investigações* ao admitir que, na tentativa de sistematizar seus pensamentos, eles “logo se paralisavam”, permanecendo “sempre como anotações filosóficas”, numa prosa descontínua. Muitos autores reconhecem as particularidades da prosa de Wittgenstein. Em textos de M. Perloff, por exemplo, a escrita wittgensteiniana aparece caracterizada como “investigativa”, fazendo uso estendido de “exemplos e imagens, de parataxes”. Hans-Johann Glock, por sua vez, reconhece a necessidade de um papel mais ativo do leitor: para ele, as *Investigações* “indicam uma trajetória de pensamento, mas deixam ao leitor a tarefa de desenvolvê-lo”. As “conclusões” ali apresentadas ficam sempre em aberto, a serem revisadas, abrindo espaço ao leitor. A necessidade de determinar, não sem uma certa dificuldade, qual voz estamos a ouvir nos muitos diálogos ali encenados, se é a de Wittgenstein ou a do seu interlocutor virtual, ilustra bem essa característica interativa do texto em questão.

Essa forma assistemática e fragmentária própria da escrita de Wittgenstein se relaciona diretamente com o ataque que seu pensamento faz à filosofia metafísica. As *Investigações Filosóficas* se apresentam não como uma teoria sistemática sobre o significado ou a linguagem, e sim como o reconhecimento do equívoco na proposta essencialista, da ambição de determinar a essência das coisas e das palavras que supostamente deveriam representá-las. Para Wittgenstein, essa empreitada, no que diz respeito à linguagem e seu suposto caráter representativo, está fadada ao erro, pois já parte da suposição de que o uso metafísico de uma palavra equivale ou sobrepõe-se aos seus usos cotidianos, o que não é o caso. “Quando os filósofos usam uma palavra... e procuram apreender a *essência* da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe?” (IF §116). O erro ocorre quando se retira a palavra de seu contexto para colocá-la numa “superfície escorregadia” (IF §107), “pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem *entra em férias*” (IF §38). Numa crítica à idéia de teoria, a generalizações e à busca de essências, faz sentido, então, que Wittgenstein, em seu segundo pensamento, tenha voltado sua atenção à *linguagem comum*, à linguagem que de fato usamos, e que, contra o que supôs uma longa tradição, não é primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Linguagem esta que surge aqui como o lugar do heterogêneo, das particularidades e da pluralidade. Nas palavras de Wittgenstein, “nossa linguagem [comum] pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas construídas em diferentes épocas”, e, ao redor disso tudo, surgem o “simbolismo químico” e a “notação infinitesimal”, por exemplo, como “novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes” (IF §18).

Wittgenstein abre as *Investigações* com uma citação das *Confissões* de Santo Agostinho. O filósofo vê na figura de Agostinho um grande pensador, razão pela qual escolhe essa passagem para representar um “paradigma proto-teórico” (Glock, p. 370), uma imagem tácita que, em detrimento de alguma teoria completa da linguagem, é muito disseminada na história da filosofia e mesmo no senso comum.

Wittgenstein ataca quatro posições centrais embutidas na visão “agostiniana” da linguagem apresentada na passagem. São elas: “uma concepção referencial do significado das palavras, uma concepção descritiva das sentenças, a idéia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e a idéia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas” (Glock, p. 370).

Contra a idéia de que a função da linguagem é representar a realidade através de palavras que se referem a objetos e de sentenças que descrevem estados de coisas, o autor das *Investigações* chama atenção para as muitas outras funções da linguagem, como contar uma história, dar uma ordem, fazer uma tradução, orar, e etc., oferecendo-nos o seu famoso conceito de *jogos de linguagem*. Wittgenstein não apresenta uma explicação sintética para a analogia que faz entre “jogo” e “linguagem, mas, através das ocorrências da expressão nas *Investigações*, pode-se inferir que, assim como um jogo, “a linguagem é uma atividade guiada por regras” (Glock, p. 225). Regras essas que - no caso da linguagem, as regras da gramática - definem o que seria a linguagem/jogo ao determinarem que “lance” seria correto ou que faria sentido. Nessa perspectiva, seguindo com a analogia jogo/linguagem, aprender o significado de uma palavra é aprender como usá-la, assim como aprender a jogar xadrez é saber o que se pode fazer com cada peça, e não a associação de nomes a objetos.

Em vista de tais reflexões sobre os jogos de linguagem, qual seria então sua essência e, portanto, a essência da própria linguagem? Wittgenstein se depara com essa pergunta de seu interlocutor na §65. O filósofo afirma que *não há* algo que é comum a todos os usos da linguagem, mas que existe sim um parentesco entre “todos esses fenômenos em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra”. A linguagem é como um jogo. Não existe um traço comum entre todas as coisas as quais chamamos de jogo. Os jogos de tabuleiro são múltiplos, mas, comparados aos jogos de cartas, apesar de algumas semelhanças, muitos traços comuns desaparecem. Nem todos os jogos são recreativos. E em nem todos eles ou se ganha ou se perde. Mas, ainda assim, usamos uma única palavra para denominá-los: *jogos*. A essas semelhanças Wittgenstein chamou de *semelhanças de família*, pois uma família é distinguível através de semelhanças entre seus membros na “estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc.”. Isso pode causar algum tipo de desconforto, pois parece não haver uma definição exata e delimitada da palavra “jogo”. Mas, de acordo com Wittgenstein, não precisamos saber a definição exata de uma palavra para usá-la: “Mas isto nunca o perturbou, quando você empregou a palavra ‘jogo’” (IF §68). A noção de semelhança de família é crucial para a empreitada wittgensteiniana de apontar o equívoco na busca de essências por trás das palavras.

Outra noção atacada é que a *definição ostensiva* (IF §26-37) estabelece a conexão entre a palavra e o objeto, meio pelo qual os “termos indefiníveis” (Glock, p. 122) são elucidados. No entanto, essa noção pressupõe a existência de uma linguagem anterior à linguagem pública. Como se já existisse uma linguagem pronta e com espaços determinados para “receber” os nomes elucidados pela definição ostensiva, como se já soubéssemos o que fazer com eles. Quando estou aprendendo o significado da palavra “vermelho”, é preciso que se saiba que, ao apontar para um livro vermelho, se aponta para a cor e não para o livro. “O uso de uma palavra não dimana do objeto apontado” (Glock, p. 125), pois, nesse caso, uma linguagem *privada* seria possível, o que não é o caso. No entanto, isso não quer dizer que a definição ostensiva não é de utilidade alguma para a linguagem. Para Wittgenstein, a definição ostensiva presta um papel normativo “na orientação de nossas práticas”. Esse papel é estabelecido “por uma prática de correção e de justificação com base em amostras” (Glock, p. 125).

Esses são os aspectos mais relevantes à caracterização do que seria a linguagem comum para o filósofo: um conjunto heterogêneo de práticas histórico-culturais que, análogas a jogos, são públicas e não se estabilizam nem se deixam reduzir por qualquer vocação única, como,

por exemplo, a de nomear. É de volta para o “atrato” (IF §107) que precisamos trazer a linguagem, para essa natureza enigmática do cotidiano. E a estabilidade do significado que se pode esperar desse tipo de visão é a mesma estabilidade que encontramos nas atividades humanas com as quais a linguagem está entrelaçada (Martins, 1997, p. 39).

Em luz do pensamento do segundo Wittgenstein, a questão da (in)distinção entre a linguagem literária e a linguagem comum ganha uma nova perspectiva. Segundo Bourdieu (1985 apud PERLOFF, 1998, p. 19), Wittgenstein nos demonstra que não existe diferença material entre os dois domínios, mas que o uso que fazemos da linguagem é tão variado que palavras e sentenças se tornam não familiares quando reaparecem em contextos novos. De fato, o que Wittgenstein nos oferece é um “jeito de olhar”, um “estilo de ver”, e esse estilo não pode ser abstraído do estilo de sua linguagem (Eagleton, 1933, apud PERLOFF, 1998, p. 66). E é com esse estilo de ver que voltamos nosso olhar às novelas de Beckett.

3. Beckett e a linguagem comum

A leitura concentrou-se nas novelas “Primeiro Amor”, “O Expulso”, “O Calmante” e “O Fim”. Reconhecemos o interesse que a obra de Beckett desperta em várias disciplinas das ciências humanas, a extensa produção acadêmica e ensaística sobre a literatura beckettiana confirma tal interesse. No entanto, nosso compromisso é com uma faceta específica de sua escrita: as questões pertinentes ao sentido, o modo como o autor nos permite (re)pensar a linguagem. Procurou-se, então, dar atenção a passagens que desestabilizassem e quebrassem expectativas acerca da linguagem, e que levantassem questões sobre o sentido, sendo, assim, de interesse para compreender o jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária, a linguagem comum e a literária.

Na análise dos trechos selecionados, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes dessas desestabilizações, de onde não se pode inferir naturalmente que o desenvolvimento de tais procedimentos tenha sido uma agenda, um cálculo de Beckett.

Percebe-se com frequência o emprego não usual de conjunções, acabando por produzir relações desconcertantes entre sentenças. Em “O Expulso”, por exemplo, ouvimos do narrador, que acaba de ser expulso do lugar onde morava, cenário esse que se repete nas outras novelas, a seguinte declaração: “portanto não precisamos nos aborrecer. Raciocinemos sem receio, o nevoeiro resistirá” (Novelas, p. 12). O estranhamento ocorre porque o uso do conector *pois*, mesmo que implicitamente (raciocinemos sem receio, [pois] o nevoeiro resistirá), sugere uma relação de causa e efeito, ou de explicação, que não parece ser concretizada: a expectativa “normal” é de que, raciocinando-se, o “nevoeiro” passe, para que possamos “ver” as coisas mais claramente. Um procedimento semelhante ocorre em “Primeiro Amor”, quando o protagonista nos confessa que “o que conheço menos mal são minhas dores, penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento” (Primeiro Amor, p. 12). O texto se abre com uma noção de dor como *objeto* do pensamento. Mas essa noção é perturbada na última oração, quando a conjunção *mas* parece ter sua função contrariada, já que introduz, não uma reversão de expectativa (está chovendo, mas vou à praia), mas antes uma espécie de *cancelamento* ou *afrontamento* do que se disse antes: é insinuada a idéia da dor como tendo *origem* no pensamento, e não como sendo um objeto deste, como o texto parece inicialmente indicar.

Outro procedimento identificado foi o uso desconcertante de tempos e modos verbais. Em uma passagem de o “Primeiro Amor”, além de nos informar de sua preferência por cemitérios, o narrador também nos informa o que será o seu epitáfio, – “aqui jaz quem daqui tanto escapou/ que só agora não escape mais” (p. 4). O modo subjuntivo empregado no verbo “escapar” indica a idéia de dúvida ou de possibilidade de algo vir a acontecer, justamente o oposto que a noção de morte, algo definitivo. Identifica-se o mesmo procedimento quando o

narrador de “O Calmante”, ao tentar sair de “uma espécie de antro, com o chão coberto de latas de conservas”, declara: “não pude me levantar na primeira tentativa, nem, digamos, na segunda...” (Novelas, p. 28). Nesse caso, o tempo verbal do indicativo, pretérito perfeito (pude), indica fato já ocorrido, já concluído. Noção essa que é contrariada pela discrepância do presente do subjuntivo em *digamos*, expressão cristalizada que deixa transparecer a incerteza do narrador acerca do ocorrido. Outra discrepância entre palavra e contexto envolvendo construções subjuntivas desconcertantes se esconde na passagem em que o protagonista de “O Calmante” tenta se comunicar com um garotinho, mas abrir a boca, solta apenas “uma espécie de chiado” ininteligível e nos confessa que “Se soubesse enrubescer, teria enrubescido...” (O Calmante, p. 35). A discrepância ocorre, claro, porque “enrubescer” é um ato involuntário, e não uma habilidade hipoteticamente plausível, como o trecho indica.

A perturbação da integridade de expressões cristalizadas também aparece como procedimento lingüístico de desestabilização comum nas novelas de Beckett. Como solução para voltar a sentir suas dores, o protagonista d’O Calmante sugere que “uma boa noite de pesadelo e uma lata de sardinha me restituiriam a sensibilidade” (O Calmante, p. 41). A expressão original seria, claro, “uma boa noite de sono”, que restituiria a força e a energia do indivíduo. Caso semelhante é o da descrição de um caminho que o narrador percorre à certa altura: “mas, coisa estranha, tendo finalmente saído do bosque, transposto distraidamente o fosso que o cercava, me vi divagando sobre crueldade, a que ri” (O Calmante, p. 29). Aqui o autor “convoca” e “quebra” de certa forma a expressão *fosso intransponível*, relatando que o protagonista não só transpõe um fosso, como o faz “distraidamente”.

Na mesma passagem, identifica-se também uma desestabilização da separação entre o literal e o figurativo. O trecho que precede o verbo *divagar* pode encaminhar o leitor para uma interpretação “literal” daquele, a saber, andar por uma ou outra parte. No entanto, o trecho que se segue ao verbo quebra essa linha de interpretação ao oferecer ao leitor uma outra, o uso figurativo do verbo, discorrer saindo do assunto (o jogo fica mais claro na versão em inglês, com *wonder*). Outra desestabilização do tipo ocorre na mesma novela, na seguinte passagem: “não perdi a consciência, quando perder a consciência não será para retomá-la” (“O Calmante”, p. 49). Assim como na passagem anterior, percebe-se que o autor não faz uma escolha precisa entre o uso do sentido literal ou figurativo do verbo *perder*: o autor parece provocar-nos aqui quanto à nossa tendência de pensar o mental como se fosse o físico.

Por outro lado, identificam-se passagens cujo sentido literal parece ser, por assim dizer, levado ao extremo. Seriam as *superliterlizações* ou circunlóquios desconcertantes. Um exemplo: ao caminhar por uma cidade que ele reconhece ser diferente da qual se lembrava, o protagonista de “O Fim” nos informa que caminha “mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à [sua] direita” (p. 58). Esse circunlóquio parece funcionar aqui para nos informar da direção em que o personagem andava: a parte vermelha do céu seria o sol que, dependendo do horário, indica em qual direção o norte e, portanto, os outros três pontos cardeais.

Este relatório traz, como se disse, os resultados ainda iniciais da pesquisa. Na luz da análise dos trechos supracitados, já é possível ver, no entanto, que os textos de Beckett parecem desestabilizar sistematicamente a confiança numa “linguagem comum” capaz de funcionar como sistema objetivo de representação, sublinhando, como faz também Wittgenstein, a sua heterogeneidade e irredutibilidade, o conflito entre o controle e o descontrole no que tange ao que se diz e ao desejo, a vontade, a intenção.

Bibliografia:

BECKETT, Samuel: **Primeiro Amor**. Trad. Célia Evaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____ : **Novelas**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____ : **First Love And Other Novellas**. London: Penguin Books, 2000.

GLOCK, Hans-Johann,,: **Dicionário Wittgenstein**. Trad. Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LUGG, Andrew. **WITTGENSTEIN'S INVESTIGATIONS 1-133: A GUIDE AND INTERPRETATION**. London: Routledge, 2000.

MARTINS, Helena F.: "Sobre a estabilidade do significado". *In: Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.

PERLOFF, Marjorie. **Wittgenstein's Ladder: poetic and the strangeness of the ordinary**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1996.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. *Coleção "Os Pensadores"*. Trad. José Carlos Bruni. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.